

Uma força estranha entra no ar e abre novos espaços

Elizabeth Carmona Leite

Foi no momento em que a doença do presidente Tancredo Neves, gerou um sentimento de fé, esperança e solidariedade, unindo a nação em torno de um pensamento comum, que pudemos constatar claramente a ação dos meios de comunicação de massa.

Agindo, de certa forma, como um "espelho" do cotidiano, comportando-se como uma espécie de filtro e reforçador do sentimento da sociedade, o rádio, é o meio mais democrático de todos, pois chega de forma direta e instantânea, às mais diferentes camadas da população, nos mais distintos locais, durante 24 horas, num quase estado de onipresença.

É evidente que a situação dos fatos fez com que a população como um todo, estivesse ansiosa na busca da informação. Estivemos todos o tempo todo, ávidos por notícias. Sob este aspecto, o rádio, um meio com amplos dotes técnicos, o que o privilegia ante aos demais, devido à agilidade, versatilidade, alcance e penetração, é até insuperável, por ser mais rápido e econômico, quanto à eficiência no papel de informar.

Colado aos ouvidos de cada cidadão, em aparelhos miniaturizados, ele é, sobretudo, um grande companheiro. No movimento do despertar da cidade, junto a todos os seus ruídos característicos, inclui-se também o girar do botão, que liga milhares de receptores nos quartos, banheiros, cozinhas, automóveis e escritórios, num gesto habitual de quase todos os cidadãos que buscam a notícia, a informação.

Apesar das vigilâncias e muitas restrições que bloqueiam o livre exercício da informação, o rádio cumpre essa função com muita popularidade e lealdade de audiência. Desfruta, assim, de um *status* conquistado não somente pelos seus recursos técnicos, mas principalmente em função das condições reais de nosso país — dimensões continentais, índices preocupantes de analfabetismo, baixo poder aquisitivo, inexistência do hábito de leitura, fatores que lhe conferem força e responsabilidade especiais na ação informativa de sua comunicação.

A mensagem noticiosa no rádio, especificamente o paulistano, dependendo da orientação seguida pelas quase 30 emissoras, pode constituir-se num apêndice da programação, o que, em realidade, ocorre na maioria das estações que operam na faixa de FM, necessário ao cumprimento dos 5% estabelecidos pela lei, ou então sua espinha dorsal, desdobrando-se em outras feições, como por exemplo na prestação de serviços de utilidade pública, tais como em algumas emissoras da faixa de AM — a Jovem Pan, Bandeirantes, Excelsior e Eldorado.

Em momentos de comoção, rendendo-se à reportagem, o que infelizmente não ocorre com frequência, o rádio demonstrou ser um

eficiente canal do sentimento civil da população, informando, alertando, mobilizando e até promovendo catarses de solidariedade.

Porém, o que chama à atenção, é que as informações e os fatos relacionados com a doença de Tancredo Neves, extrapolaram ao âmbito das emissoras de predominância jornalística. Espantosamente, outras emissoras, as ditas "populares", como a Record, a Capital, a Globo e a Gazeta AM, também voltaram suas atenções ao jornalismo, à informação.

Essas emissoras de caráter predominantemente jornalístico, durante aqueles dias difíceis, de grande expectativa, como em outras situações semelhantes — atentados, incêndios, greves, votação no colégio eleitoral, puderam reafirmar sua credibilidade e mostrar um bom trabalho de suas equipes, em esforços de cobertura que surtiram bons efeitos. Segundo Mauro Ramos, colunista especializado do *Diário Popular*, a audiência radiofônica aumentou em quase 100% numa constante busca do ouvinte pela informação, aumento esse concentrado basicamente naquelas rádios de tradição jornalística (*Diário Popular* 16/04/85).

Que força é essa que levou por exemplo um comunicador personalista como Zé Bettio, a abrir espaço em seus programas diários, a um boletim informativo sobre o estado do presidente? Que força é essa que levou a Rádio Record a enviar um repórter especial a São João Del Rey, cobrindo a vigília católica em torno de Tancredo Neves? Que força é essa que levou a Rádio Gazeta a organizar uma mesa-redonda que não falasse de esporte, e sim das sucessivas operações do líder da Nova República, com a presença dos médicos do Hospital das Clínicas, debatendo e esclarecendo a população?

Este é um fato novo. Em momentos recentes, como todo o desenrolar da campanha das diretas nada disso ocorreu. Na verdade, o que esteve por trás daquela movimentação é que o atual estado de coisas, gerou um sentimento de esperança, solidariedade e fé, em torno do sofrimento do ser humano Tancredo Neves, e que casava-se muito bem com a linguagem encontrada freqüentemente nas programações das estações mais populares. Eli Correia elogiou, através de seu programa na Rádio Globo, o fotógrafo que ofereceu seu rim, sadio, à família Tancredo Neves, num gesto de extrema solidariedade. Nessa faceta do Rádio AM, a relação íntima que se estabeleceu entre o comunicador e o ouvinte alcançou grande nível de cumplidade em torno de sentimentos comuns como por exemplo o sofrimento e a religiosidade.

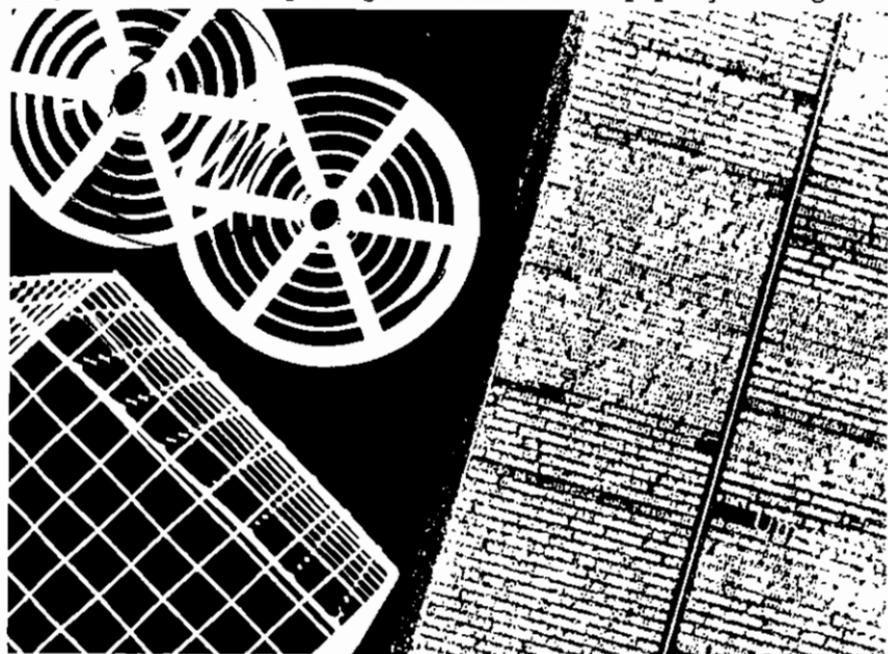
De uma forma geral a programação do rádio AM voltada à exploração do gosto popular apresentou-se como um grande almanaque onde prevaleceu a idéia do ato comunicativo através da emoção.

O tom foi o de exaltação dos sentimentos numa linguagem superlativa construída a partir de clichês que remetiam a temas que encontraram total ressonância em grande parte do público. A palavra falada investida de coloração emocional impondo uma tônica exageradamente otimista filtrou uma realidade distante das verdadeiras dificuldades através dos apelos ao sentimento positivo, amor, felicidade e fé.

Além do fato de ser o presidente-eleito da Nova República o alvo dessa movimentação, sem dúvida, as informações sobre seu estado de saúde só foram divulgadas com tanta veemência por essas

emissoras por se tratar de um "filão" altamente compatível com aquele que habitualmente é explorado pelos comunicadores do rádio AM.

Tudo isso pode ser constatado diariamente na postura e na linguagem de muitos comunicadores que atrás dos microfones acabaram suprimindo em certo sentido as carências emocionais de um público ouvinte tão desprivilegiado como a nossa população em geral.



Uma prova de fogo para a imprensa: a luta contra a desinformação

Carlos Eduardo Lins da Silva

Todas as instituições sociais passaram por uma prova de fogo com a doença do presidente-eleito Tancredo Neves. A jornalística também. De repente, a imprensa se viu diante de um fato que ninguém podia prever, com desdobramentos que se prolongaram por 38 dias, com as notícias sendo descobertas e divulgadas a qualquer hora do dia ou da noite e uma densa cortina de despistamento para ser rompida.

Numa sociedade moderna, como a brasileira, os jornalistas acostumam-se a ter os eventos programados de modo a facilitar sua tarefa de recolher e divulgar as informações. Os políticos, os empresários, os artistas, todos têm interesse em ter notícias a seu respeito